

# O Príncipe

## Niccolò Machiavelli

(Nicolau Maquiavel)

### CAPÍTULO 1 OS VÁRIOS TIPOS DE ESTADO E COMO SÃO INSTITUÍDOS.

Todos os Estados que existem e já existiram são e foram sempre repúblicas ou monarquias. As monarquias ou são hereditárias, quando pôr muitos anos os governantes pertencem a mesma família, ou foram fundadas recentemente, ou são acréscimos aos domínios hereditários de um príncipe que os anexa.

### CAPÍTULO 2 AS MONARQUIAS HEREDITÁRIAS

Manter o poder em Estados hereditários habituados a uma família reinante exigem um esforço menor do que o oferecido pôr novas monarquias, basta para isso evitar a transgressão dos costumes tradicionais e saber adaptar-se a circunstâncias imprevistas. Na medida que o soberano legítimo tem menos motivos e menor necessidade de ofender seus governados, é natural que seja mais querido; e, se não tem defeitos extraordinários que o tornem odiado, é perfeitamente natural que o povo lhe queira bem. “Qualquer alteração na ordem das coisas prepara sempre o caminho para outras mudanças, mas num longo reinado os motivos e as lembranças das inovações vão sendo esquecidas.

### CAPÍTULO 3 AS MONARQUIAS MISTAS.

As dificuldades aparecem nas monarquias novas. Os homens mudam de governantes com grande facilidade, esperando sempre uma melhoria. Esta esperança os leva a se levantar em armas contra os que os governam, o que é um engano, pois a experiência demonstra mais tarde que a mudança foi para pior. Isto pôr sua vez, reflete outra causa muito natural, as injúrias com que o novo monarca invariavelmente ofende seus súditos, provocadas pôr soldados ou pôr outros motivos relacionadas com a imposição do novo governo. O soberano fará assim, inimigos - aquelas pessoas injuriadas com a ocupação do território -, e não poderá manter a amizade dos que o ajudaram na conquistado poder, pôr não lhe ser possível satisfazer suas expectativas. Pôr este motivo o príncipe precisará sempre do favor

dos habitantes de um território para poder dominá-lo, pôr mais poderoso que seja seu exército.

Observa-se, que os Estados que pôr anexação se unem a um outro previamente existente, podem ser da mesma nacionalidade e língua ou não. No primeiro caso, será fácil dominá-lo, especialmente se não estiver habituado à liberdade; para impor-lhe com segurança o domínio, bastará que se extinga a família que anteriormente o tenha governado.

No segundo caso, caso a situação não é alterada, não havendo divergência de costumes, o povo aceitará tranqüilamente os novos governantes.

Quem possui territórios nessas condições e deseja mantê-los, deve ter em mente duas coisas: a primeira, a extinção dos seus antigos governantes; a segunda, a manutenção das leis e dos tributos. Deste modo, em prazo muito curto os novos territórios formarão com seu antigo domínio um só estado.

Quando se conquista uma província com leis, língua, e costumes diferentes, são grandes as dificuldades a vencer, sendo necessário boa sorte e muito trabalho para mantê-la.

Um dos meios melhores e mais seguros para isso será instalar-se ali o novo governante, tornando-a como residência.

Estando o soberano presente, os distúrbios serão logo percebidos e rapidamente corrigidos; vivendo longe, o soberano só terra notícia deles quando houverem adquirido proporções irremediáveis. Enquanto o governante residir num território, será muito difícil arrebatá-lo de seu domínio.

Outro remédio eficaz consiste na instalação de colônia em um ou dois lugares que constituam posição-chave no território; será necessário fazer isso ou então manter ali uma tropa numerosa. As colônias custam menos ao príncipe; poderá instalá-las e mantê-las com pouca ou nenhuma despesa, prejudicando apenas aqueles cujas terras e casas forem tomadas para alojar os colonos - uma pequena parte da população. Os que forem prejudicados, pobres e dispersos nunca poderão fazer mal. Quanto a todos os demais nada terão sofrido sendo portanto facilmente tranqüilizados.

Note que é preciso tratar bem os homens ou então aniquilá-los.

De todos os pontos de vista as guarnições são inúteis e as colônias tem grande utilidade.

Uma regra geral é que quando um estrangeiro poderoso penetra numa província, todos os habitantes menos poderosos o apoiam, movidos pela inveja dos que tinham poder maior do que o seu; deste modo, o invasor não tem qualquer dificuldade em angariar o apoio desses potentados menores, que de boa vontade se unem ao Estado conquistador. Sua única cautela será que adquiram poder e autoridade excessivos; com as próprias forças, e alguns favores, poderá controlar os que são poderosos mantendo-se como árbitro naquele território. Os príncipes sábios atentam não só para as disputas correntes, mas também para as futuras, e protegendo-se cuidadosamente contra elas. Se essas discórdias são previstas, podem ser remediadas facilmente; se espera sua ocorrência, o remédio deixará de ser oportuno, tornando-se a moléstia incurável.

O desejo de conquista é algo muito natural e comum; aqueles que obtêm êxito na conquista são sempre louvados e jamais criticados. Nunca se deve permitir uma alteração da ordem para evitar a guerra, pois assim agindo a guerra não será evitada, mas apenas postergada, e em condições desvantajosas.

Uma regra geral que nunca ou quase nunca falha é que quem cria o poder de outrem se arruina, pois esse poder se origina ou na astúcia ou na força, e ambas são suspeitas a quem se torna poderoso.

#### CAPÍTULO 4.

#### PORQUE O REINO DE DÁRIO OCUPADO PÔR ALEXANDRE NÃO SE REBELOU CONTRA OS SUCESSORES DESTES, APÓS SUA MORTE.

Considerando as dificuldades que implica a manutenção de um Estado recém conquistado, alguns se espantarão de que, havendo Alexandre o grande, em poucos anos estendido seu domínio sobre a Ásia, e mal tendo podido ocupá-la, não tivesse ocorrido após sua morte uma rebelião geral, como pareceria razoável. Seus sucessores puderam manter-se no poder, sem maiores dificuldades do que as provocadas entre si pelas próprias ambições. A explicação é a seguinte - no curso da história os reinos têm sido governados de duas formas: por um príncipe e seus assistentes que na qualidade de ministros, o ajudam a administrar, agindo pôr sua graça e licença; ou pôr um príncipe e vários barões, cuja posição não se explica pôr um favor do soberano, mas pela antigüidade da própria família. Esses barões tem súditos e territórios onde são reconhecidos como senhores e aos quais estão ligados pôr laços de natural afeição.

Devido a isso mesmo a príncipe morrendo o território se mantém unido pois os governos locais representados na figura do barão tendem a manter a ordem vigente.

#### CAPÍTULO 5

#### O MODO DE GOVERNAR AS CIDADES OU ESTADOS QUE ANTES DA CONQUISTA TINHAM SUAS PRÓPRIAS LEIS.

Quando se conquista um Estado acostumado a viver em liberdade, e sob suas próprias leis, há três modos de mante-lo: o primeiro consiste em arruina-lo; o segundo em ir nele residir; o terceiro em permitir-lhe continuar vivendo com suas próprias leis, impondo-lhe um tributo, e instituindo-lhe um governo composto de umas poucas pessoas do lugar, que sejam amigas. Como tal governo criado pelo soberano, sabe que não poderá existir sem a sua amizade e proteção fará tudo ao seu alcance para mante-las.

Quem se torna senhor de uma cidade livre, e não a destrói, pode esperar ser destruído pôr ela, pois sempre haverá motivo para rebelião em nome da liberdade e das antigas tradições, que nem o curso do tempo nem os benefícios recebidos conseguem apagar. Não importa o que quer que o governante faça, ou conceda; enquanto os habitantes não forem separados ou dispersados, não esquecerão o nome e os hábitos do seu país, e apelarão para eles imediatamente em todas as crises.

Quando as cidades ou províncias estão habituadas a viver sob o governo de um príncipe cuja família tenha se extinguido, por estarem acostumadas a obedecer e não tendo mais pôr outro lado, seu antigo soberano, não se conseguem unir na escolha de uma pessoa que possa governar; não sabem viver em liberdade, e pôr isso será difícil que se levantem em armas, podendo ser dominadas com maior facilidade pôr um príncipe que se estabeleça no poder com segurança. Nas repúblicas, pôr outro lado, há mais vida, maior ódio, e desejo de vingança; não poderão abandonar a lembrança de sua antiga liberdade, de modo que o meio mais seguro é devastá-las ou nelas residir.

## CAPÍTULO 6

### OS NOVOS DOMÍNIOS CONQUISTADOS COM VALOR E AS PRÓPRIAS ARMAS.

Na verdade os homens seguem quase sempre caminhos percorridos pôr outrem, agindo de forma imitativa. Não lhe sendo possível seguir exatamente os outros , nem alcançar a excelência demonstrada pêlos modelos eu imita, o homem prudente escolherá sempre o caminho trilhado pêlos grandes homens, selecionando os mais admiráveis, de modo que, mesmo sem atingir sua grandeza, se beneficiará de qualquer modo com alguns dos seus reflexos.

Dentro os que se tornaram príncipes pelo próprio valor, e não pela sorte, considero os maiores: Moisés, Ciro, Rômulo, Teseu. Examinando suas vidas e feitos veremos que nada deveram a sorte, além da oportunidade - matéria que modelaram de forma singular. Sem essa oportunidade seus poderes não teriam sido aproveitados; sem estes , a oportunidade teria sido vã.

Aqueles que se tornam príncipes pelo seu valor conquistam domínios com dificuldade, mas os mantêm facilmente; a dificuldade se origina em parte nas inovações que são obrigados a introduzir para fundar o Estado em segurança.

Vale a pena observar que não existe nada mais difícil de executar e perigoso de manejar do que a instituição de uma nova ordem de coisas. Quem toma tal iniciativa adquire a inimizade de todos os que são beneficiados pela ordem antiga, e é defendido sem muito calor pôr todos os que seriam beneficiados pela nova ordem. Para examinar perfeitamente este ponto, faz-se necessário, portanto, saber se os inovadores são independentes ou não; isto é : se para executar seus desígnios precisam pedir ajuda a outrem ou se podem impor-se pôr si próprios. Na primeira hipótese sempre se dão mal, e não chegam a parte alguma ; mas quando dependem dos próprios meios apenas, e conseguem impor-se, raras vezes falham.

Daí a razão do porque todos os profetas armados vencem e são vencidos os desarmados. Porque além do que já foi dito a natureza dos povos é lábil: é fácil persuadi-los de uma coisa, mas é difícil que mantenham sua opinião. Pôr isso , convém ordenar tudo de modo que, quando lhes falte a crença, se lhes possa fazer crer pela força. Desarmados Moisés, Ciro, Teseu e Rômulo não teriam podido fazer com que as normas que propunham fossem observadas pôr muito tempo. Com amizades e soldados de sua escolha puderam edificar sobre base sólida tudo o que construíram , de forma que lhe custaram bastante trabalho para adquirir uma posição elevada, mas tiveram pouca dificuldade em mante-la.

## CAPÍTULO 7

### OS NOVOS DOMÍNIOS CONQUISTADOS COM ARMAS ALHEIAS E BOA SORTE

Aqueles que se tornam príncipes exclusivamente pela sorte empregam nisso pouco trabalho, mas só a muito custo se mantêm na nova posição; não encontram nenhuma dificuldade para alcançar seu objetivo, mas todas as dificuldades aparecem quando lá chegam.

Nestes casos há uma completa dependência da vontade e da sorte dos que tornaram possível a ascensão ao poder – ambas qualidades muito volúveis e instáveis. Essas pessoas não

sabem e não podem manter-se no poder, porque, a não ser que tenham grande engenho e valor, não é razoável que saibam comandar, já que viveram sempre como cidadãos particulares e não dispõem de forças subordinadas pôr laços de amizade e fidelidade. Além disso, os Estados criados subitamente - como tudo o mais que na natureza nasce e cresce com rapidez - não podem ter raízes profundas e ramificadas, de modo que a primeira tempestade os derruba.

Portanto, quem considerar necessário garantir-se em seus novos domínios contra os inimigos, fazer amizades, conquistar pela força e pela fraude, 'fazer-se amado e temido pelo povo seguido e reverenciado pêlos soldados, destruir os que podem e querem ofendê-lo, inovar costumes, ser bom e severo, magnânimo e liberal, suprimir uma antiga milícia e substituí-la pôr outra, manter a amizade dos reis e dos príncipes de modo a que tenham satisfação em assisti-lo, e medo de injuriá-lo.

Comete um grande erro quem pensa que entre personagens de importância é possível fazer esquecer antigas ofensas com novos benefícios.

## CAPÍTULO 8

### OS QUE COM ATOS CRIMINOSOS CHEGARAM AO GOVERNO DE UM ESTADO

Como há ainda duas maneiras de se tornar príncipe, que não podem ser atribuídas exclusivamente a sorte ou à capacidade, não devem ser silenciadas, embora uma delas pudesse ser examinada mais amplamente se estivéssemos estudando as repúblicas. Consistem em tornar-se soberano pôr algum meio vil, ou criminoso, ou pelo favor dos concidadãos.

Não se pode, contudo, chamar de valor o assassinio dos seus compatriotas, a traição dos amigos, a conduta sem fé, piedade e religião; são métodos que podem conduzir ao poder, mas não à glória.

Creio que a diferença reside no uso adequado ou não da crueldade. No primeiro caso, estão aqueles que a usaram bem (se é que se pode qualificar um mal com a palavra bem). Uma vez com o objetivo de se garantir e que depois não persistiram nela, mas ao contrário a substituíram pôr medidas tão benéficas a seus súditos quanto possível. As crueldades mal empregadas são as que, sendo a princípio poucas, crescem com o tempo, em vez de diminuir. Os que aplicam o primeiro método podem remediar de alguma forma sua condição, diante de Deus e dos homens, como Agátóeles. Quanto aos outros, não lhes é possível manter-se.

De onde se deve observar que, ao tomar um Estado, o conquistador deve praticar todas as suas crueldades ao mesmo tempo, evitando ter que repeti-las a cada dia; assim tranquilizarão o povo, sem fazer inovações, seduzindo-o depois com benefícios. Quem agir de outra forma, pôr timidez ou maus conselhos, estará obrigado a permanecer de arma em punho, e nunca poderá depender dos seus súditos que, devido às contínuas injúrias, não terão confiança no governante. As injúrias devem ser cometidas todas ao mesmo tempo, de modo que, sendo sentidas pôr menos tempo, ofendam menos. As vantagens, pôr sua vez, devem ser concedidas gradualmente, de forma que sejam melhor apreciadas. Acima de tudo, o soberano deve ter tais relações com seus súditos que nenhum acidente, bom ou mau, o afaste do seu rumo; porque, como a necessidade surge em circunstâncias adversas, não deixará tempo para a prática do mal.

## CAPÍTULO 9 O GOVERNO CIVIL

Chegamos agora ao caso do cidadão que se torna soberano não pôr meio do crime, ou da violência intolerável, mas pelo favor dos seus concidadãos: é o que se poderia chamar de governo civil. Chegar a essa posição dependerá não inteiramente do valor ou da sorte, mas da astúcia assistida pela sorte, Chega-se a ela com o apoio da opinião popular ou da aristocracia.

Destes últimos para comandar e oprimir o povo, Desses dois interesses que se opõem surge uma de três conseqüências: o governo absoluto, a liberdade ou a desordem.

O governo é instituído pelo povo ou pela aristocracia, conforme haja oportunidade para um ou para a outra, Quando os ricos percebem que não podem resistir ao povo, unem-se, exaltando um dos seus e fazendo-o príncipe, de modo a poder perseguir seus propósitos -á sombra da autoridade soberana.

Quem chega ao poder com a ajuda dos ricos tem maior dificuldade em manter-se no governo do que quem é apoiado pelo povo, porque está cercado de indivíduos que se sejam seus iguais, e não pode assim dirigir ou ordenar tudo o que lhe apraz.

Mas quem chega ao poder levado pelo favor popular está só e ninguém, ou muito poucos, não se dispõem a obedecê-lo.

Além disso, é impossível satisfazer a nobreza pela conduta justa, sem causar prejuízo aos outros, mas é muito fácil satisfazer assim as massas. De fato, o povo tem objetivos mais honestos do que a nobreza; esta quer oprimir, enquanto o povo deseja apenas evitar a opressão.

A pior coisa que o príncipe pode esperar de um povo hostil é ser abandonado, mas da hostilidade dos nobres deve esperar não só a deserção, mas, oposição ativa. Para melhor esclarecer esta parte do argumento, diria que os nobres pertencem a duas categorias diversas: ou se comportam de modo a depender inteiramente da sorte do soberano, ou não.

Alguns agem assim pôr covardia, uma falha natural do seu temperamento, e nesta hipótese devem ser utilizados especialmente os bons conselheiros pois honrarão o soberano na dificuldade e na prosperidade e não representarão um perigo. Outros têm um propósito definitivo, e objetivos ambiciosos, sinal de que pensam mais em si do que no soberano; destes o príncipe deve proteger-se, considerando-os como inimigos secretos, que contribuirão para a sua ruína na adversidade. Pôr conseguinte. quem se tornar um príncipe pelo favor do povo deve manter sua amizade - o que não lhe será difícil, pois a única coisa que o povo pede é não ser oprimido. Mas aquele que chega ao poder apoiado pêlos nobres. contra os desejos do povo, deve acima de tudo procurar conquistar a amizade deste - o que conseguira facilmente, se o proteger. Os homens que recebem o bem quando esperavam o mal se sentem ainda mais obrigados com relação ao benfeitor.

Alguém que com seu próprio valor, e com as medidas que toma, inflame a massa nunca se decepcionará com o povo, e terá construído bons alicerces para seu poder.

Príncipe prudente procurara meios pêlos quais seus súditos necessitem sempre do seu governo, em todas as circunstancias possíveis - e fará, assim, com que sejam sempre fieis ao soberano.

## CAPÍTULO 10 COMO AVALIAR A FORÇA DOS ESTADOS

Ao examinar o caráter dos Estados, e necessário considerar um outro ponto, a saber: se e tal a situação do príncipe que em caso de necessidade ele se pode manter pôr si, ou se precisa sempre da proteção de outrem. Os homens nunca se inclinam a empreendimentos quando prevêem que trarão dificuldades, e nunca parecerá fácil de atacar aquele que tem sua cidade bem defendida, e não e odiado pelo povo.

Portanto, o príncipe que é senhor de uma cidade poderosa, e não se faz odiar, não poderá ser atacado; se o fosse, o assaltante seria obrigado a uma retirada vergonhosa. Com efeito, tudo é tão cambiante que é quase impossível manter soldados empenhados num assedio durante um ano. E àqueles que alegam que ao ver queimar seu patrimônio fora dos muros o povo perderá a paciência, e que o sitio prolongado e seus interesses farão com que esqueça o soberano, responderei Que um príncipe poderoso e corajoso saberá sobrepor-se a tais dificuldades, ora levantando as esperanças dos súditos. fazendo-os ver que seus males não durarão muito mais, ora incutindo-lhes medo da crueldade do inimigo, como também garantindo-se contra os que parecerem ousados demais.

E da natureza dos homens obrigar-se tanto pêlos benefícios conferidos como pelos recebidos. De onde se vê que, tudo considerado, um príncipe prudente não achará difícil sustentar a coragem dos seus súditos. tanto no inicio como no transcurso do estado de sitio. desde que possua provisões e meios para se defender.

## CAPÍTULO 11 OS ESTADOS ECLESIÁSTICOS

Resta-nos somente falar sobre os Estados eclesiásticos, em que todas as dificuldades se situam no período que precede a sua conquista. Conquistados com o valor ou com a sorte. Nem o valor nem a sorte permitem conservá-los. pois são sustentados pôr antigos costumes religiosos, tão fortes e de tal qualidade que permitem aos príncipes se manterem no poder qualquer que seja sua conduta e modo de vida- Só esses príncipes podem ter Estados sem defendê-los e súditos sem governá-los; e seus Estados - não sendo defendidos não lhe são tomados. Não sendo governado o povo não se ressentir com sua autoridade, nem pensa poder dispensá-la.

Somente esses Estados, portanto, são seguros e felizes.

## CAPÍTULO 12 OS DIFERENTES TIPOS DE MILÍCIA E DE TROPAS MERCENÁRIAS

Depois de examinar amplamente as qualidades dos tipos de Estado que me propus a considerar, e de estudar em parte os métodos que muitos empregaram para conquistá-los, resta-me descrever, de um modo geral, os sistemas defensivo e ofensivo, que podem ser usados em cada um deles Já dissemos como é necessário que um príncipe adquira boas

bases. pois em caso contrário seguramente se arruinará. Pois a base principal de todos os Estados, sejam novos, antigos ou mistos, são boas leis e bons soldados.

As tropas com que um príncipe defende seus domínios podem ser próprias, mercenárias, auxiliares ou mistas. As mercenárias e auxiliares são inúteis e perigosas. Com eles, a ruína só demora até o momento do ataque inimigo. Os que se entregam à sua proteção são despojados na guerra pelos inimigos, e na paz pôr eles próprios. A razão esta em que o único motivo e a única afeição que os prende a luta é um salário modesto. Que não é suficiente para fazê-los morrer pelo soberano. Por isso estão dispostos a servir o príncipe como soldados em tempos de paz; iniciada a guerra, o abandonam.

Quero demonstrar mais amplamente os defeitos desses exércitos. Os capitães mercenários ou são capazes ou não; no primeiro caso, não se pode confiar neles, pois aspirarão sempre a própria grandeza, impondo-se ao seu senhor ou oprimindo outras pessoas. contra as intenções do príncipe; e se o capitão não for capaz. arruinara o soberano. Caso se alegue que todos os soldados agem da mesma forma.

Sejam mercenários ou não, responderei que, como os exércitos servem ou a um príncipe ou a uma república, o príncipe deve assumir pessoalmente seu comando e a república deve enviar para comanda-lo um dos seus próprios cidadãos. Se o comandante se mostrar incompetente, deverá ser substituído; se for capaz, é preciso que seja impedido pela lei de ultrapassar os limites apropriados. Com forças deste tipo as conquistas são sempre escassas e lentas , e as perdas súbitas e espantosas.

### CAPÍTULO 13 FORÇAS AUXILIARES, MISTAS E NACIONAIS.

As forças auxiliares, pedidas a um vizinho poderoso como assistência para a defesa do Estado, iam tão inúteis quanto as mercenárias As tropas auxiliares podem ser em si mesmas eficazes, mas são sempre perigosas para aqueles que as empregam se são vencidas. isto representa uma derrota; se vencem, aprisionam quem as utiliza.

Essas forças, que são mais perigosas do que os mercenários: tratem a ruína completa, uma vez que são unidas e obedientes - mas a outrem. Os mercenários, uma vez vitoriosos, exigem mais tempo e uma boa oportunidade para se tornarem ofensivos. pois não formam um corpo unitário, sendo contratados e pagos pôr quem os utiliza.

O maior perigo dos mercenários está na sua covardia e na sua relutância em lutar; com relação aos auxiliares, é sua coragem que representa o maior perigo.

As tropas francesas são, portanto, mistas - em parte mercenárias, em parte nacionais. Em conjunto, são muito melhores do que as forças compostas inteiramente de mercenários ou auxiliares, mas muito inferiores a um exército inteiramente nacional.

Esse exemplo é convincente, pois a Fiança seria invencível se tivesse desenvolvido, ou pelo menos mantido, a organização militar instituída pôr Carlos VII. Mas os homens, com sua imprudência, inventam novidades e, se a primeira impressão é agradável, não percebem o veneno que contem.

Portanto, o príncipe que não percebe os problemas do seu Estado quando estes surgem não é verdadeiramente sábio – e poucos o são. Se estudarmos. o colapso do império romano, veremos que sua primeira causa foi simplesmente a.contratação de mercenários godos; a partir desse momento. A força dos romanos começa a se abater, e todos os benefícios resultantes do império são transferidos para os godos.



Em conclusão, nenhum príncipe pode ter segurança sem suas próprias forças: sem elas, dependera inteiramente da sorte, sem meios confiáveis de defesa, quando surgirem dificuldade. Nada é tão fraco e instável quanto a fama de uma potência que não se apoia na própria força.

Forças próprias de um príncipe são aquelas compostas pôr seus súditos, cidadãos, ou dependentes: as demais são todas mercenárias o auxiliares.

## CAPÍTULO 14 OS DEVERES DO PRÍNCIPE PARA COM SEUS SOLDADOS

Os príncipes, pôr conseguinte, não deveriam ter outro objetivo ou pensamento além da guerra, sua organização e disciplina, nem estudar qualquer outro assunto: pois esta é a única arte necessária para quem comanda: tem tal importância que não só mantém no poder os que nasceram príncipes, mas torna possível a homens comuns atingir uma posição soberana. Vê-se, pôr outro lado, que quando os príncipes se interessam mais pelas coisas amenas do que pelas armas perdem seus domínios. A causa principal da perda dos Estados é o desprezo pela arte da guerra: e a maneira de conquistá-los é ser nela bem versado.

O príncipe que ignora os assuntos militares não será estimado pêlos soldados, nem poderá ter confiança neles - além dos outros infortúnios já mencionados.

Os príncipes nunca devem permitir, portanto, que seus pensamentos se afastem dos exercícios militares; exercícios que devem praticar na paz mais ainda do que na guerra, de duas formas: pela ação e pelo estudo. A primeira consiste no constante exercício da caça, que acostuma o corpo as dificuldades, além de manter seus homens bem disciplinados e exercitados. A caça ensina a natureza da terra, a posição das montanhas, a abertura dos vales, a extensão das planícies: a compreender a natureza dos rios e dos pântanos, o que requer muita atenção. Esse conhecimento é duplamente útil: em primeiro lugar, aprende-se conhecer o próprio país e a melhor maneira de defendê-lo. Pôr outro lado, com o conhecimento e a experiência ganhos em um lugar. Será possível compreender facilmente qualquer Outro que se precise observar.

Ao príncipe que não possui esta capacidade falta um dos pontos essenciais da liderança.- é ela que ensina a localizar o inimigo, montar acampamento, conduzir um exército, planejar uma batalha e assediar uma cidade de forma vantajosa.

A fim de exercitar a mente, o príncipe deve estudar a história e as ações dos homens eminentes; ver como se conduziram na guerra, examinar as razões das suas vitórias e derrotas. Para imitar as primeiras e evitar as últimas; acima de tudo, agir como agiram algumas figuras do passado - seguir um modelo que tenha sido muito elogiado e glorificado.

São esses os métodos que deve seguir um príncipe sábio, nunca permanecendo Ocioso em tempos de paz, mas, ao contrário, usando-os industriosamente, de modo que qualquer mudança da sorte o encontre sempre preparado para resistir aos golpes da adversidade, impondo-se a ela.

CAPÍTULO 15  
AS RAZÕES PELAS QUAIS OS HOMENS, ESPECIALMENTE  
OS PRÍNCIPES, SÃO LOUVADOS OU VITUPERADOS

Como um príncipe deve conduzir-se com os súditos e os aliados. a maneira como vivemos é tão diferente daquela como deveríamos viver que quem despreza o que se faz pelo que deveria ser feito aprenderá a provocar sua própria ruína. E não a defender-se. Quem quiser praticar sempre a bondade em tudo o que faz está condenado a penar, entre tantos que não são bons. E necessário. portanto que o príncipe que deseja manter-se aprenda a agir sem bondade, faculdade que usará ou não em cada caso, conforme seja necessário.

É necessário que( tenha a prudência necessária para evitar o escândalo provocado pelos vícios que poderiam fazê-lo perder seus domínios, evitando os outros se for possível: se não o for, poderá praticá-los com menores escrúpulos..Contudo. não deverá preocupar-se com a prática escandalosa daqueles ‘cios sem os quais é difícil salvar o Estado; isto porque, se refletir bem, será fácil perceber que certas qualidades que parecem virtudes levam á ruína, e outras queparecem vícios trazem como resultado o aumento da segurança e do bem-estar.

CAPÍTULO 16  
A LIBERDADE E A PARCIMÔNIA

Para começar pelas primeiras qualidades relacionadas acima, não há dúvida de que é bom ser considerado liberal; a liberalidade, contudo, para que todos a percebam prejudicará o príncipe; se praticada virtuosamente. do modo apropriado, não será reconhecida, levando à reputação do vício contrário.

Um príncipe que tenha essa qualidade consumirá seus recursos, sendo pôr fim compelido a impor pesados tributos ao povo. se quiser manter a imagem de liberalidade, usando todos os meios possíveis de conseguir dinheiro, o que fará com que os súditos o odeiem. Além disso, será pouco estimado por ser pobre. E se quiser mudar seu sistema passará rapidamente a ser criticado pôr miserável. O príncipe não se deve preocupar com a fama de miserável –para não ter que despojar os súditos, para poder defender-se e para não ser pobre e desprezado, nem ser obrigado a ter uma conduta predatória; a falta de liberalidade e’ um desses.delitos que lhe permite reinar. Diz-se que César alcançou o império conduzindo-se com liberalidade, e que muitos outros chegaram as posições mais elevadas pôr serem liberais, ou serem tidos como tal. Devemos distinguir, neste caso, entre aquele que já é príncipe e o que está a caminho de se tornar um soberano. Na primeira hipótese, a liberalidade é prejudicial; na segunda, é necessário ser considerado liberal.

A liberalidade é muito necessária para o príncipe que marcha á frente dos soldados e vive do saqueio, do roubo e de resgates, predando a riqueza alheia, sem a qual deixaria de ser seguido pelas tropas. Na verdade pode-se ser muito generoso quando não se trata do próprio patrimônio, ou dos bens dos súditos.

Nada se destrói a si mesmo mais do que a liberalidade; praticando-a, perde-se a faculdade de praticá-la, tornando-se em consequência pobre ou desprezível; ou então, para evitar a pobreza, rapinante e odiado. Ora, de tudo o que o príncipe precisa evitar, o mais importante é o ser desprezado ou odiado; e a liberalidade conduzirá a uma ou outra dessas condições. É

melhor, portanto, ser conhecido como miserável – uma desgraça que não provoca ódio – do que ter necessariamente fama de voraz, o que causa tanto desgraça quanto ódio.

#### CAPÍTULO 17.

#### A CRUELDADE E A CLEMÊNCIA. SE É PREFERÍVEL SER AMADO OU TEMIDO

Continuando com as outras qualidades relacionadas, todos os príncipes devem preferir ser considerados clementes e não cruéis. Precisam, no entanto, evitar o mau emprego dessa clemência. O príncipe portanto não deve temer a acusação de crueldade, se seu propósito é manter o povo unido e leal; de fato, com uns poucos exemplos poderá ser mais clemente do que aqueles que, pôr excesso de piedade, permitirem a ocorrência de distúrbios que levem ao assassinio e ao roubo.

Esses últimos, de modo geral, prejudicam toda a comunidade, enquanto as execuções ordenadas pelo príncipe só afetam indivíduos isolados.

Chegamos assim a questão do saber se é melhor ser amado do que temido. A resposta é que é preciso ser ao mesmo tempo amado e temido mas que, como isso é difícil, é muito mais seguro ser temido, se for preciso escolher.

Estará perdido o príncipe que confiar somente nas suas palavras, sem fazer outros reparativos, porque a amizade conquistada pela compra, e não pela grandeza e nobreza de espírito, não é segura - não se pode contar com ela. Os homens têm menos escrúpulos em ofender quem se faz amar do que quem se faz temer, pois o amor é mantido pôr uma corrente de obrigações que se rompe quando deixa de ser necessária, já que os homens são egoístas: mas o temor é mantido pelo medo da punição, que nunca falha.

O temor e a ausência de ódio poderão coexistir - o que conseguirá quem se abster de interferir com o patrimônio dos súditos e cidadãos, e com suas mulheres. Quando for preciso executar um cidadão, que haja uma justificativa e uma razão manifesta: acima de tudo, que o príncipe se abstenha de tomar a propriedade dos outros, pois os homens se esquecem mais facilmente da morte do pai do que da perda do patrimônio.

Mas, quando o príncipe está com seu exército, e um grande número de soldados sob seu comando, é indispensável que não recue a fama de crueldade, sem a qual não conseguirá manter as tropas unidas e prontas para qualquer tarefa.

#### CAPÍTULO 18

#### A CONDUTA DOS PRINCIPES E A BOA FÉ

Pode-se lutar de 2 maneiras, pela lei e pela força. O primeiro método é dos homens e o segundo; dos animais. Porém, como o primeiro pode ser insuficiente, tem-se que recorrer ao segundo. É necessário, portanto, que o príncipe saiba usar bem tanto o processo dos homens como o dos animais.

É bom ser misericordioso, leal, humanitário, sincero e religioso, como é bom parecê-lo; mas é preciso ter a capacidade de se converter aos atributos opostos, em caso de necessidade. Deve-se entender que um príncipe especialmente se for novo, não pode observar tudo o que é considerado bom nos outros homens, sendo muitas vezes obrigado para preservar o Estado a agir contra a fé, a caridade, a humanidade e a religião. Precisa, portanto, ter a mente pronta a ajustar-se aos ventos que sopram, seguindo as variações da sorte evitando desviar-se do bem se for possível, mas guardando a capacidade de praticar o mal se obrigado a isto.

Deve o príncipe ter muito cuidado para que suas palavras nunca deixem de refletir as cinco qualidades acima indicadas, de forma que quem o veja e ouça pense ser todo ele piedade, fé, integridade, humanidade, e religião- Nada mais necessário do que a aparência da religiosidade, já que de um modo geral os homens julgam mais com os olhos do que com o tato.

## CAPÍTULO 19 COMO SE PODE EVITAR O DESPREZO E O ÓDIO

O príncipe deve evitar que o torne odiado ou desprezado, quando conseguir isso , terá cumprido com sua parte, e os outros vícios não o farão correr perigo. O que mais concorrerá para faie-lo odiado é a conduta predatória, a usurpação dos bens e das mulheres dos súditos. Pôr outro lado o soberano será desprezado se for visto como volúvel, frívolo, efeminado, tímido e irresoluto. Será necessário que se proteja disto como de um grave perigo , e que suas ações testemunhem grandeza, elevação de espírito , gravidade e fortaleza. Que ao governar, suas decisões sejam irrevogáveis, e que as sustente de tal forma que a ninguém ocorra enganá-lo ou iludi-lo.

Os príncipes precisam temer 2 coisas: uma interna – seus súditos; a outra externa – as potências estrangeiras. Destas ultimas poderão defender-se com boas armas e bons amigos e sempre terão bons amigos quem tiver boas armas.

Com relação aos súditos porem , se não forem instigados de fora deve-se sempre temer que conpirem em segredo. Um dos remédios mais poderosos contra as conspirações é não ser odiado pelas massas populares; o conspirador acredita sempre que a morte do soberano agrada o povo; se não acreditasse nisso, teria medo de se empregar em tal empreendimento, pois as dificuldades a serem vencidas são infinitas. A experiência mostra que já houve muitas conspirações, mas poucas lograram êxito, porque quem conspira não pode agir só, e somente encontra sócios entre os descontentes; uma vez que o conspirador revela suas intenções a um descontente, dá-lhe um meio de se satisfazer, acenando-lhe com a esperança de conseguir pela delação tudo o que deseja.

Conclui-se portanto que quando a disposição do povo é propícia o soberano tem pouco que se preocupar com as conspirações; mas quando os súditos são hostis , e o odeiam, precisará temer a todos e a cada um.

Os príncipes devem delegar a outras pessoas as tarefas impopulares e conceder os favores pessoalmente. O monarca só deve precaver-se de cometer uma injúria grave contra alguém de cujos serviços se utilize , ou que sirva.

## CAPÍTULO 20 A UTILIDADE DE CONSTRUIR FORTALEZAS, E DE OUTRAS MEDIDAS QUE OS PRÍNCIPES ADOTAM COM FREQUÊNCIA

Nunca se viu um príncipe que chegasse ao poder e desarmasse seus súditos; ao contrário , estando eles desarmados, o príncipe sempre lhes dá armas, pois essas armas pertencerão ao monarca; os suspeitos se tornarão leais e os que já eram fiéis manterão sua fidelidade, e de simples súditos passarão a ser partidários do soberano.

Mas quando um novo Estado é adquirido pelo príncipe, em acréscimo ao seu próprio, torna-se necessário desarmá-lo, exceção feita dos habitantes que se colocaram do lado do novo soberano.

Os príncipes adquirem grandeza quando conseguem superar oposição e dificuldades, pôr isso quando a sorte quer favorecer um novo príncipe impõe-lhe inimigos e o força a enfrentar guerras empreendidas contra os seus Estados, dando-lhe a oportunidade da grandeza graças a ocasião oferecida pêlos próprios inimigos.

Muitos acreditam, portanto que o príncipe sábio fomentará astuciosamente alguma inimizade , se houver ocasião para tal, de modo a incrementar sua grandeza superando esse obstáculo. Os que são inimigos no começo de um novo governo precisam de apoio para manter sua posição: podem portanto ser aliciados facilmente pelo príncipe , estando com maior razão ainda obrigados a servi-lo com lealdade , pois sabem que é preciso cancelar com sua conduta a má opinião que inspiravam previamente. Pôr isso o monarca conseguirá sempre melhor assistência deles do que dos outros súditos; estes, servindo-o com maior segurança, negligenciam os interesses do senhor.

As fortalezas podem ser úteis ou não, de acordo com os tempos; se têm um aspecto positivo de outro lado são prejudiciais, o que se pode analisar da forma seguinte.

Se o príncipe teme seus súditos mais do que os estrangeiros deve construí-las, em caso contrário, não. Pode-se dizer, portanto, que a melhor fortaleza é a construída com o afeto dos súditos pois as fortificações não salvarão um príncipe odiado pelo povo, uma vez que o povo se levantasse em armas contra o monarca nunca faltarão estrangeiros para assisti-los.

Devemos louvar tanto os que construírem fortificações como os que não as erigirem; devem ser criticados porem os que, confiando em tais meios de defesa , não se preocuparem com o ódio popular.

## CAPÍTULO 21

### COMO DEVE AGIR UM PRINCIPE PARA SER ESTIMADO

Nada faz com que um príncipe seja mais estimado do que os grandes empreendimentos e os bons exemplos que dá. É muito vantajoso também para o príncipe dar algum exemplo notável da sua grandeza no campo da administração interna, como o que se conta a respeito do mestre Bernabó de Milão, quando acontece que alguém faz algo de extraordinário na vida política, algo de bom ou mal é necessário que se encontre algum meio de recompensa ou punição que seja muito comentado. Acima de tudo , um príncipe deve procurar, em todas as suas ações, conquistar fama de grandeza e excelência.

Se duas potências vizinhas entram em guerra , há duas hipóteses: ou sua situação é tal que se uma delas for vitoriosa representará um perigo ou não. Em ambos os casos, será melhor que o príncipe assuma uma posição clara e entre na guerra.

O país não amigo aconselhará sempre a neutralidade, e o amigo solicitará uma decisão , e a entrada na guerra. Os príncipes indecisos preferem geralmente permanecer neutros, pensando evitar perigos presentes, o que quase sempre os arruina. Note-se aqui que um príncipe nunca deve fazer causa comum com alguém mais poderoso para causar danos a um terceiro a não ser quando obrigado pela necessidade. De fato, se o aliado vencer, o príncipe ficará sujeito a seu poder e os príncipes devem evitar o máximo possível a dependência da vontade e do bel prazer de outrem. Nenhum Estado deve crer que pode seguir sempre uma política segura; ao contrário, deve pensar que todas as políticas são duvidosas. Faz parte da

natureza das coisas o fato de que nunca se tenta evitar uma dificuldade sem encontrar uma outra, a prudência consiste em saber reconhecer a natureza das circunstâncias difíceis aceitando como boas as menos nocivas.

Os príncipes devem demonstrar também amor pelas virtudes, dar preferências aos mais capazes e honrar os excelentes em cada arte. Devem além disso, incentivar os cidadãos a praticar quietamente sua atividade, no comércio, na agricultura ou em qualquer outro ramo profissional, de modo que não deixem de aumentar seu patrimônio pelo temor de que lhes seja retirado o que possuem, e outros não deixem de iniciar um comércio com medo dos tributos; devem os príncipes ao contrário recompensar quem é ativo e procurar de um modo ou de outro melhorar sua cidade ou Estado. Além disso, precisam manter o povo ocupado com festas e espetáculos, nas épocas convenientes e como toda cidade se divide em corporações ou em classes, devem dar atenção a todos esses grupos, juntando-se a eles de tempos em tempos, dando-lhes um exemplo de sua humanidade e munificência, guardando sempre contudo, sua dignidade majestosa, que não deve faltar em nenhum momento.

## CAPÍTULO 22 OS MINISTROS DOS PRINCIPES

A escolha dos ministros pôr um príncipe não tem pouca importância: os ministros serão bons ou maus, de acordo com a prudência que o príncipe demonstrar.

A primeira impressão que se tem de um governante, e da sua inteligência, é dada pelos homens que o cercam. Quando estes são competentes e leais, pode-se sempre considerar o príncipe sábio, pois foi capaz de reconhecer a capacidade e de manter a fidelidade. Mas quando a situação é oposta, pode-se sempre fazer dele juízo desfavorável, porque seu primeiro erro terá sido cometido ao escolher os assessores.

Há um método que nunca falha para que um príncipe possa conhecer um ministro. Se o ministro pensa em si mais do que no príncipe ou em seu Estado, e busca em todas as ações o próprio lucro, nunca será um bom ministro e não deve merecer confiança, pois quem tem em suas mãos um Estado não deve pensar em si, mas no monarca, não devendo se importar com nada que não diga respeito a este.

O príncipe, pôr outro lado, para manter a fidelidade do ministro, deve pensar nele, honrando-o e enriquecendo-o, fazendo-lhe favores, conferindo-lhe honrarias e atribuindo-lhe incumbências de responsabilidade, de forma que as grandes riquezas e honrarias recebidas não lhe provoquem desejos de mais riquezas e honrarias, e as funções que exercem lhe façam temer as mudanças.

## CAPÍTULO 23 DE QUE MODO ESCAPAR AOS ADULADORES

Os homens têm tanto prazer e se iludem tanto com o eu lhes diz respeito que só com dificuldade escapam a tal praga. De fato, não há outra forma de se defender contra a adulação do que fazer as pessoas compreenderem que não cometerão ofensa ao falar a verdade; mas quando todos podem falar a verdade a alguém perdem-lhe o respeito. O príncipe prudente tomará, portanto, um terceiro caminho, escolhendo como conselheiros homens de

sabedoria, e dando-lhes inteira liberdade para falar a verdade, mas só quando interrogados, e apenas sobre o que lhes for perguntado. Mas o príncipe não ouvirá ninguém mais; agirá com deliberação, mantendo determinadamente suas decisões. Quem fizer outra coisa ou agir precipitadamente, devido aos adutores, ou mudará muitas vezes de posição, pôr causa da variedade das opiniões ouvidas, e em qualquer caso será pouco respeitado.

Há uma regra infalível: o príncipe que não é sábio não poderá ser bem aconselhado a não ser que acidentalmente se entregue às mãos de um homem de grande prudência que o oriente em tudo. neste caso, poderá sem dúvida ser bem aconselhado, mas não pôr muito tempo, pois o orientador logo lhe usurpará o poder.

## CAPÍTULO 24

### AS RAZÕES PORQUE OS PRINCIPES DA ITÁLIA PERDERAM SEUS DOMÍNIOS

Tudo o que recomendei até aqui se observado com prudência fará com que um novo soberano pareça antigo, tornando-o ao mesmo tempo mais seguro e mais firme no governo do seu Estado do que se há muito estivesse lá estabelecido. Aqueles dentre nossos príncipes que mantiveram suas possessões pôr muitos anos não devem responsabilizar a sorte pôr elas perdido, mas sim sua própria frouxidão. Como nunca consideraram nos tempos tranquilos, que as coisas podem mudar, só pensaram em fugir, em vez de se defenderem quando chegou a adversidade.

E esperavam que o povo irritado com a insolência dos conquistadores, os chamasse de novo ao poder. Esse auxílio pode vir ou não, no primeiro caso, não oferece nenhuma segurança, pois quem o recebe não se terá ajudado a si próprio: terá sido assistido como a um covarde. Só são boas, seguras e duráveis aquelas defesas que dependem exclusivamente de nós e da nossa própria capacidade.

## CAPÍTULO 25

### O PODER DA SORTE SOBRE O HOMEM E COMO RESISTIR-LHE.

Não ignoro a opinião antiga e muito difundida de que o que acontece no mundo é decidido pôr Deus e pelo acaso; que a providência dos homens não pode alterar os acontecimentos; que ao contrário não há como remediar as coisas. Talvez pôr isso se pense ser inútil trabalhar muito: será melhor deixar que o acaso decida. Essa opinião é muito aceita em nossos dias, devido as grandes transformações ocorridas e que ocorrem diariamente, as quais escapam a conjectura humana. Quando reflito sobre elas as vezes eu próprio me inclino a aceitá-la em parte. Não obstante para não ignorar inteiramente nosso livre arbítrio, creio que se pode aceitar que a sorte decide a metade dos nossos atos, mas que nos permite o controle sobre a outra metade, aproximadamente.

O príncipe que baseia seu poder inteiramente na sorte se arruina quando esta muda. Acredito também que é feliz quem age de acordo com as necessidades de seu tempo, e da mesma forma é infeliz quem age opondo-se ao que o seu tempo exige.

Se acontece que o tempo e as circunstâncias são favoráveis a quem age com cuidado e prudência, o resultado será bom; mas se mudam as circunstancias e o tempo, a mesma pessoa se arruinará, se não alterar seu procedimento. Assim e em consequência, se perde;

se fosse possível modificar nossa natureza para ajustá-la aos tempos e as circunstâncias ,  
nossa sorte jamais mudaria.

Conclui-se portanto, eu como a sorte varia e os homens permanecem fieis a seus caminhos,  
só conseguem ter êxito na medida em que tais caminhos se ajustam ás circunstancias;  
quando se opõem a elas, o resultado é infeliz.

Acredito seguramente que é melhor ser impetuoso do que cauteloso , pois a sorte é uma  
mulher, sendo necessário, para dominá-la empregar a força; pode-se ver que ela se deixa  
vencer pelos que ousam, e não pelos que agem friamente.

Como mulher, é sempre amiga dos jovens, mais bravos, menos cuidadosos, prontos a  
dominá-la com maior audácia.

## CAPÍTULO 26.

### EXORTAÇÃO Á LIBERTAÇÃO DA ITÁLIA DOMINADA PELOS BARBAROS

Em nossos dias foi necessário que a Itália ficasse reduzida à sua condição atual, mais  
escravizada do que os hebreus, mais oprimida que os persas, mais dispersa que os  
atenienses, sem uma cabeça, sem ordem , batida , e despojada, vítima de ruínas de todo  
tipo, para que se pudesse reconhecer a força de um gênio italiano. É grande o nosso desejo  
e não pode haver uma grande dificuldade onde existe um grande desejo. Nada faz tanta  
honra a quem alcançou o poder do que as novas leis e medidas que introduz. Com efeito os  
italianos são superiormente aptos para o duelo e certas competições, tem vigor , destreza e  
inteligência, mas quando se fala de forças militares, apresentam maus resultados; o que  
deriva diretamente da fraqueza de seus líderes, pois os que tem conhecimento não são  
obedecidos, e todos pensam ter conhecimento.

Se a ilustre família Médici deseja portanto seguir o caminho dos grandes homens, que  
libertaram sua pátria , é necessário antes de mais nada fundamento de qualquer empresa  
que prepare suas próprias forças pois não se pode ter soldados mais leais, mais verdadeiros  
e melhores. Não se deve permitir pôr conseguinte que passe esta oportunidade; a Itália  
depois de tanto tempo precisa encontrar seu libertador. Não há palavras para exprimir o  
afeto com que ele seria recebido em todas as províncias que sofrem sob as invasões  
estrangeiras, a sede de vingança, a fé, o amor, as lágrimas de gratidão que provocaria..“O  
VALOR TOMARÁ ARMAS CONTRA O FUROR; QUE A LUTA SE EXPRAIE BEM  
DEPRESSA! POIS A CORAGEM ANTIGA AINDA NÃO MORREU NO CORAÇÃO  
DOS ITALIANOS”.